

Profetas, Interlocutores Indispensáveis Neste “Fim da História”

Um Diálogo com o Profeta Habacuque

Renatus Porath

1. A Consciência Histórica Moderna Se Emancipou de Suas Origens

Karl Löwith, em seu livro *Weltgeschichte und Heilsgeschehen* (“História Universal e Evento Salvífico”), analisa os pressupostos teológicos de nossa consciência histórica moderna e chega à seguinte conclusão: nosso conceito de história aceita os pressupostos e as conseqüências da compreensão bíblica de história; sabe de um evento inicial e sabe que caminha em direção a um alvo, mas se emancipou dos eventos centrais que põem a história em movimento¹.

Os judeus iniciam sua contagem dos anos a partir da criação do mundo com vistas a um *eschaton*, a um alvo final: a manifestação do Messias. No dia 27/09/92, a comunidade judaica festejou seu ano novo (*rosh hashaná*) 5743. Os cristãos confessam que com Jesus de Nazaré o tempo do Messias foi inaugurado, embora ainda aguardem sua manifestação total. Esse evento passa a ser inicial para a contagem da era cristã. Ambas as comunidades, a judaica e a cristã, se sabem num processo que caminha para o *eschaton*: para nós, cristãos, esse processo ocorre sob a tensão entre o já e o ainda não do reino do Messias, enquanto que, para os judeus, sua história é marcada pelo “ainda não”². Essa compreensão de história, oriunda dos escritos bíblicos, onde é testemunhada pela comunidade cristã como fim dos tempos desencadeado por Jesus Cristo, foi reduzida a uma teoria do processo histórico que caminha para o *telos*. Essa compreensão de tempo e história é objeto de fé³ e não pode ser transformada numa teoria racionalmente comprovada. Tomou-se da fonte bíblica o pressuposto de que o passado é preparo e o futuro, cumprimento. Abstraiu-se essa noção de processo histórico, em direção ao alvo, do seu *movens*, a palavra prenhe do agir futuro, da palavra que se tornou evento salvador na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O messianismo judaico e a escatologia cristã inspiraram a elaboração do processo histórico secular, que, por sua vez, desencadeou atividades criativas que transformaram o Ocidente em uma civilização com proporções hoje avaliadas como pouco construtivas para a maioria dos povos com suas culturas⁴. Sentimos muito de perto, nesses 500 anos de evangelização

e colonização, as conseqüências destrutivas dessa compreensão de história como processo que avança para o progresso e o desenvolvimento, para um aprimoramento incessante em direção a um reino “visionário”, porque não tinha mais compromissos com o Deus que pôs Israel em movimento, com o Deus dos profetas, com o Deus do Jesus da cruz. O “ide e fazei discípulos!” foi o imperativo que levou conquistadores a pregar, sob o invólucro cristão, a busca desenfreada de lucro e a ambição por poder. Esse processo para muitos significou a dizimação irreversível de continentes inteiros com suas expressões de vida autóctone. Quantas culturas não foram arrastadas para dentro deste caudal e sabe Deus para que alvo nos levará. Será que não chegou a hora de rever se a mensagem do reino de Deus, antes de ser um imperativo para a ação histórica e transformadora, não é um chamado a *metanoia*/arrependimento? O imperativo transformador não nos virá antes de nossas comunidades humanas das quais participamos e que sabem de suas necessidades e colocam suas prioridades? Por que ainda falar do reinar de Deus em uma sociedade que requer nossa participação para responder a necessidades e prioridades urgentes?

Perigos e poderes “espreitam todo agir, conquistar e sofrer humanos”⁵, mas a palavra do Deus dos profetas não os aceita como poderes autônomos com direito a vida própria. A fé em Jesus Cristo os têm como submetidos e quebrados, mas ainda atuantes e poderosos. Aos olhos da fé, a história se modificou, mas visivelmente ela continua a mesma através dos tempos. Agir e sofrer, exaltação e humilhação, esforços altamente dispendiosos que muitas vezes fracassam, pecado e morte são uma constante, para não dizer que vivemos um eterno retorno⁶. Somos hoje uma enorme criação sem Criador, um reino messiânico sem Messias e um processo escatológico profano com um alvo que no mínimo se tornou uma ameaça para toda a casa que se chama terra.

O judaísmo, como religião de um povo histórico, pode ser entendido como determinado por uma escatologia religiosa. Os profetas do AT, mesmo criticando uma eleição que virara ideologia de segurança nacional, nunca escondiam que Yahweh tinha intenções bem específicas com aquele povo⁷. A possibilidade da fé num plano divino que abrange os povos necessariamente tem que passar pela discussão com esse povo histórico que se diz eleito e confessa estar em conexão com o Senhor que promete instalar uma realidade última, onde estarão superadas todas as ambigüidades, até pecado e morte. Os cristãos, nesse sentido, não formam um povo histórico, mas constituem uma comunidade (nem tão una assim!) que ultrapassa limites geopolíticos, históricos e étnicos.

Os cristãos precisam restabelecer o diálogo com aqueles homens e aquelas mulheres do Espírito que com sua palavra criaram os pressupostos de nossa visão de história.

2. Profetas — Portadores da Palavra que Cria História

Como participantes diretos na articulação daquilo que movimentaria o povo em direção ao futuro, os profetas com seu veículo, a palavra, devem ser analisados mais de perto. “Palavra” no antigo Oriente é mais do que discurso; a palavra é portadora da realidade que expressa. Palavra de bênção e palavra de maldição têm os efeitos esperados nos seus destinatários. É o que retrata a palavra do profeta Isaías: “Yahweh enviou uma palavra contra Jacó e ela caiu em Israel” (Is 9.8). Ela é realidade comparada a um objeto físico com seus efeitos perceptíveis na hora do impacto.

Martin Buber escreve em seu livro *Der Glaube der Propheten* (“A Fé dos Profetas”): “Reis governam, sacerdotes administram seu ministério, mas o homem do Espírito, sem poder e sem cargo institucionalizado, recebe a palavra de seu guia.” Quando esses homens e essas mulheres do Espírito sobem no palco da vida de Israel? Justamente nos momentos cruciais da história desse povo, o profetismo entra em cena. Simultaneamente com a instalação do reinado e a formação do Estado, profetas se dizem chamados para a militância solitária e destituída de todo e qualquer poder⁸. Profetas são chamados para lutarem por espaço para seu Deus em um Estado que o quer confinar à esfera do culto com seus mitos, ou no máximo ainda lhe entregar o domínio dos céus⁹. O profeta é chamado a romper os muros do sagrado e fazer valer a soberania de Yahweh nos demais âmbitos da vida social e nas diferentes áreas do domínio estatal. Nem a guerra nem a atividade produtiva, nem a esfera da política nem a administração das pequenas causas judiciais são liberadas como áreas autônomas, em que Yahweh não fizesse valer sua exigência de espaço¹⁰. A atuação de Amós, Oséias, Isaías e Miquéias, por exemplo, nos atesta com farto material essa luta incessante em nome de seu Deus.

Enquanto o templo celebrava as intervenções de Yahweh no passado do povo para libertá-lo quando corria risco, o profetismo anuncia uma nova intervenção num futuro próximo. Nesse sentido o profeta fala de um Deus que vem, abrindo novamente a realidade para a ação de Deus. Através da palavra de seu portador, Deus invade uma realidade da qual fora excluído, valendo-se de um agir de confronto, de destruição e juízo. As causas para esse agir estranho, inesperado e contrário ao celebrado no culto não são buscadas em Deus e no mundo mítico, mas o profeta perscruta a realidade histórica e social para ver onde Yahweh foi excluído e onde sua ausência gerou prepotência, violência, opressão e marginalização.

Muitas vezes, o Deus que vem para interferir na realidade histórica de seu povo está presente com seu juízo destruidor na palavra do profeta, que se desdobra em análise da realidade, por um lado, e em anúncio da intervenção no futuro próximo, por outro lado. A esperança de uma ação que salva, que refaz as relações ameaçadas, só é possível no fundo do po-

ço do agir punidor. Segundo essa palavra profética, Deus pôs reinos e potências em movimento para punir Israel severamente. É exatamente nessas catástrofes sofridas que Israel faz renascer sua esperança de que esse Deus também poderá mover grandezas políticas para empregá-las para sua libertação.

Nessa luta dos profetas por espaço e soberania de seu Deus em todas as esferas da vida social de seu povo, eles eram militantes apaixonados ao lado de Yahweh, mas ao mesmo tempo dividiam a sorte com o povo do qual provinham. A história do profetismo é por isso simultaneamente história de sofrimento solidário e história de solitários não compreendidos por serem portadores de palavras indesejadas, que punham a realidade a descoberto. Uma denúncia profética que hoje se inspira nos profetas do AT sempre se confrontará com o Deus que vem para interferir na realidade. Ou será que existe um profetismo secularizado cuja denúncia é ditada pelas necessidades e pelos direitos dos mais ameaçados?

Nesse diálogo que Yahweh estabelece com Israel através de seus interlocutores, os profetas, não há planos históricos executados à risca. A história desencadeada pela palavra do profeta não é um processo onde Deus seja sujeito absoluto e o povo, objeto passível de intervenções divinas. A história, na compreensão do AT, também não é resultado do agir humano como no antigo Oriente. É antes um processo marcado por um diálogo intenso de Deus com Israel, intermediado pelo profeta. Contudo, mesmo assim, é um processo marcado por sucessivas rebeliões contra Deus, mas também por tempos de retorno e dedicação a Yahweh. Se a história, mesmo assim, não se tornou completamente cíclica, então isto se deve ao Deus que vem ao encontro e impulsiona aquele povo histórico novamente para dentro de novas aventuras no palco sofrido das relações entre grupos, povos e impérios.

3. O Caráter “Dialogal” da História na Ótica do Profeta Habacuque

3.1. Profeta em um Estado Decadente (aprox. 600 a.C.)¹¹

Israel passou por um curioso “silêncio profético” durante o período de 700 a 650 a.C. Ao menos não temos registros de qualquer atuação profética. Nesse espaço de 50 anos floresceu, pela última vez, o Estado do Sul, Judá, que sobrevivera, a duras penas, sob o expansionismo assírio. Após um tempo como Estado dependente, sujeito a tributos pesados, Judá conseguiu se reerguer sob o governo de Josias (639-609). Aproveitando o enfraquecimento da potência mesopotâmica, Josias reintegrou sob seu reinado inclusive a área do ex-Reino do Norte, que tinha sido transformada em província assíria. Essa primavera josiânica chegava ao fim, Josias morreu perto de Megido ao se defrontar com o novo governante egípcio, Neco II, que exercia, aliado à enfraquecida Assíria, a hegemonia na região sírio-palestinese.

O grupo que sustentava Josias e suas reformas, o “povo da terra”, levou Jeocaz ao trono (2 Rs 23.30). Provavelmente por ser pró-babilônico, como seu pai, o Egito o substituiu por seu irmão Eliaquim, chamado Jeoaquim ao assumir o poder (608-598). Sob a administração deste rei, que perseguiu uma política pró-egípcia, devemos localizar a atuação do profeta Habacuque. Como nada relata sobre a primeira deportação de 598, pode-se pressupor que tenha atuado antes de 600 a.C. Jeremias, contemporâneo de Habacuque, desmascarou o governo de Jeoaquim com as palavras: “Os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a ganância e para derramar o sangue inocente e para levar a efeito a violência e a extorsão.” (Jr 22.17.) Seu pai não só escapou à crítica profética, mas foi até elogiado como muito atento “à causa do aflito e do necessitado” (Jr 22.16).

No horizonte internacional a nova potência mesopotâmica, a Babilônia, avançou em direção à região sírio-palestinese. Em 609, com a destruição de Nínive, capital da Assíria, o poder imperialista passava às mãos dos babilônios. E desde 605 a.C. desferiram seus primeiros golpes contra os egípcios e seus aliados, entre eles Judá.

Internamente, na capital de Judá, parece que um Estado decadente juntou suas últimas forças destruidoras de vida solidária.

3.2. Seu Protesto Vira Lamento: Hc 1.2-4

Salta aos olhos esse acúmulo de termos para descrever a violência reinante na capital do Estado de Judá. Se do rei se diz que vivia entregue ao ganho ilícito (Jr 22.17) e que crimes capitais ocorriam sob sua responsabilidade, quanto mais os grupos dominantes deviam sentir-se liberados para toda sorte de práticas inescrupulosas que afetavam diretamente a base econômica e vital de seus concidadãos mais fracos!

A iniciativa para que algo altere essa situação insustentável parte do profeta e não do Deus que convoca seu porta-voz. Por assim dizer, o diálogo é aberto pelo próprio Habacuque, movido pela inconformidade e assustado com a passividade de um Deus que não vai às ruas para ver os atos monstruosos e ouvir os gritos desesperadores.

As perguntas “até quando?”, próprias da lamentação do indivíduo e do coletivo, que se dirigem a Deus, podem estar expressando que os sofrimentos, presenciados na vida pública da capital, tenham-no levado a interceder junto a seu Deus. De onde vêm os “gritos de socorro” que o profeta articula como oração de protesto? Das ruas da capital. Mas quem é o responsável por tamanha dor? São grupos dominantes de Judá ou a injustiça gritante é praticada por uma potência estrangeira?

A resposta não é tão evidente assim. Ao menos os neobabilônios (= caldeus, Hc 1.6a) são convocados para acabar com o estado de coisas reinante. Com superioridade militar, deificando seu poder, virão para exercer

violência (1.5-14). A violência experimentada e articulada como oração de protesto poderá ser superada com a presença dos babilônios?

A descrição pormenorizada do instrumento disciplinador não satisfaz. O novo agir, através da força imperialista, não poderá responder aos gritos dos injustiçados nas ruas da capital, pois um novo lamento interrompe a resposta que veio de Deus (1.12-17). Olhando para o início dessa 2ª lamentação (vv. 12a, 13), tem-se a nítida impressão de que aqui se trava uma conversa de surdos. Depois de toda aquela intervenção anunciada, Habacuque questiona ou até acusa Deus de “continuar passivo” diante das atrocidades em que o perverso devora o justo (1.13b). É exatamente o mesmo protesto formulado na primeira lamentação (1.4b): “O perverso cerca o justo.” Aquele que foi chamado para punir (o poder babilônico) faz exatamente o que deve combater, aliás destrói indistintamente povos inteiros (v. 17).

Parece-me que o texto retrata vários momentos da atuação profética. Numa primeira instância, o profeta Habacuque protesta em sua oração ao lado dos que foram lesados em seu direito à vida, cerceados em sua liberdade por grupos com poder para tanto (vv. 4b,13). O poder econômico e o político se sobrepuseram ao direito. O ensino que articula as exigências de Yahweh é lamentado como sendo ineficaz; o direito, que garante vida exatamente para o ameaçado, não se estabelece mais (1.4a).

3.3. Do Lamento Impotente ao Confronto com os Responsáveis pela Desgraça

“O lamento não tem seu fim em si mesmo (...) A lamentação não visa a auto-apresentação do sofrimento nem a autocomiseração, mas quer a superação do sofrimento (...) A função primeira da lamentação é o apelo, é o sair-de-si do sofrimento ao encontro daquele que pode superá-lo. Vista assim, a lamentação é movimento em direção a Deus.”¹²

A realidade fechada e dominada pelos “defraudadores” (vv. 4b,13b), que nada mais produz do que privilégios para os donos do poder de Jerusalém, só pode ser implodida por alguém que esteja do lado de fora. O profeta sabe que seu Deus não tolera ficar de fora, muito menos que injustiçados sejam empurrados para a margem. Aquele que é Deus “desde os primórdios” (v. 12a) não ficará inerte diante das monstruosidades (v. 13). Com essa certeza o profeta desafia Yahweh a barrar as ações inescrupulosas dos perversos. Ele fica na espreita ansiosa (2.1). Qual especialista em prognósticos que observa vôos de pássaros, examina fígados de animais para dizer e prever o futuro, o profeta também está postado em seu posto de observação. Não à espera de pássaros ou para fazer algumas das técnicas dos prognosticadores, mas à espreita de uma palavra que vai criar história para os desertados e excluídos.

O silêncio é quebrado; o monólogo da lamentação se torna diálogo

com o Deus que sai de si com sua visão/palavra (2.2-5). A palavra de Deus vista e ouvida se torna palavra escrita na tabuleta; palavra registrada é palavra empenhada que não ficará sem realização. Enquanto aguardam, os leitores/ouvintes poderão sobreviver com a certeza: o futuro já irrompeu, foi antecipado com a palavra.

Que palavra é essa que Habacuque recebe e torna pública, para que a ninguém passe despercebida?

2.4 Eis o arrogante; ele não “preservará” sua vida com isto (arrogância) e o justo viverá através de sua fidelidade¹³;

5 quanto menos, se o presunçoso engana,
(um tal) homem orgulhoso chegará ao alvo,
aquele que abriu sua bocarra como a *sheol* (reino dos mortos)
e é insaciável como a morte

e ajuntou a si todas as nações e congregou em torno de si todos os povos.

Essa palavra, desdobrada em uma sentença de morte e uma declaração de vida, poderá estabelecer uma nova postura diante daqueles que ameaçam os economicamente fracos. Aliás, o que há de novo nessas palavras? Os manuais dos círculos sapienciais não têm declarações semelhantes?

a) Arrogância e prepotência não têm futuro; b) agir solidário e compromisso com a verdade preservam vida. Ao fazer seu esse ensino sapiencial, Yahweh se torna autor da sentença de morte e garantidor da promessa. Não é um mecanismo que se aciona automaticamente quando da má ação. É o próprio Yahweh que porá fim às práticas abusivas dos altivos jerosolimitas que cerceiam as possibilidades de vida dos economicamente frágeis e violentados. A realidade histórica não é campo neutro com leis próprias, mas esfera do domínio de Yahweh. Arrogância é a postura que se expressa num agir anti-social e anticomunitário; violência (Pv 13.2) e ganância (Pv 11.6) são suas companheiras inseparáveis.

E o que se garante para o justo (oprimido!)? Por intermédio de sua fidelidade (*'ämuna*) viverá. Se o arrogante enganador foi caracterizado por seu comportamento anti-social, ocupando espaços, acumulando recursos de seus concidadãos economicamente fragilizados, o justo é o fiel à comunidade, comprometido com a verdade e a sinceridade¹⁴. “Fidelidade” aqui não é em primeiro lugar uma postura diante de Deus, como a releitura a partir da versão grega (LXX, *'ämuna* = *pistis*) sugere, mas parece apontar antes para o comportamento ideal dentro da vida comunitária¹⁵. Compare-se novamente Habacuque com a literatura sapiencial, onde fidelidade/verdade é usado em contraposição à falsidade/fraude (Pv 12.17,22). Pode expressar transações comerciais não lesivas (Pv 28.20; cf. 2 Rs 12.16; 22.7). Na crítica social de Jeremias “exercer o direito” e buscar a verdade (*'ämuna*) indicam atividades correlatas que o profeta procura em vão nas ruas e praças de Jerusalém (Jr 5.1,3). É mais uma vez esse contemporâneo de Habacuque que também nos poderá ajudar a conectar novamente “fidelidade à co-

munidade/agir solidário” com a exigência de “fidelidade a Deus”. Buscar a verdade e exercer o direito são definidos por Jeremias como “caminho de Yahweh” e o “direito de seu Deus” (Jr 5.4). Agir e comportamento fiéis à comunidade, solidários com seus segmentos ameaçados são resposta daqueles que se sabem parte do povo que Deus reivindica para si. Quem reconhece seu domínio em todas as esferas da vida social não precisa adonar-se de seus semelhantes, apropriar-se de seus bens, muito menos tem necessidade de defraudá-los. Apenas esta postura de quem constrói vida solidária tem promessa de vida. O presunçoso, defraudador, que disputa espaço com Deus, arrogando-se o direito de tomar “o que não é seu” (2.6), não tem futuro.

É esta palavra que faz do “lamentador” um profeta que desmascara ações que já têm germe e cheiro de morte. A palavra publicada no templo (?), para que todos possam conscientizar-se dela, oxigena novamente uma realidade asfíxiada pelos desmandos daqueles que agora são corajosamente desmascarados. É o que ainda transparece nos gritos fúnebres (ai! = *hoy!*) que desmascaram as ações criminosas dos presunçosos e os declaram antecipadamente mortos (2.6b,7,9,10,11,12). Subtraindo-se a moldura que faz referências explícitas ao poder babilônico, os primeiros destinatários desse “funeral simbólico” voltam à tona. São eles que causam desgraça (v. 3), que se adonam dos justos (injustiçados, v. 13) e de seu espaço vital. De que forma? Acumulando “o que não é seu” através de hipoteca e penhores (v. 6b)¹⁶. É bem provável que estejamos novamente diante do famigerado sistema de crédito que faz endividar com facilidade, mantendo sob seu controle famílias inteiras com seus respectivos bens. Mas os devedores reagirão, sentencia Habacuque. Eles darão um basta às práticas de agiotagem, tomando de volta o que lhes foi extorquido. Serão pequenos produtores da capital e do interior que organizam sua resistência contra o sistema de crédito que solapa sua existência?

Um segundo grito fúnebre (ai!) se dirige a pessoas envolvidas em transações comerciais voltadas para o lucro injusto (2.9). Seu contemporâneo Jeremias denuncia as mesmas práticas (Jr 6.13a). A construção civil e de obras públicas é outro foco causador de injustiças que clama aos céus e que o profeta articula em sua lamentação e lança em forma de denúncia contra os responsáveis (2.12). Jeremias acrescenta a essa denúncia os salários retidos e os trabalhos forçados sem qualquer remuneração (Jr 22.13). Já um século antes, Miquéias (séc. VIII), sensível às injustiças trabalhistas, apontava para as obras construídas na capital Jerusalém de seu tempo, por terem sido erguidas com sangue.

Sistema de crédito que desapropria devedores, comércio com ganhos ilícitos, construção civil e de obras públicas manchada de sangue, excessos nas festas da classe dirigente (2.12-15) — estes são os focos causadores de desgraça. A partir da nova consciência, adquirida através da palavra de Deus (2.1-5a), de que a história não acabou para os deserdados de Jerusalém e do interior, o profeta se sabe autorizado a fazer o enterro simbólico

dos causadores da desgraça (2.6b,9,12,15). Temos assim o primeiro momento da atuação profética, voltando-se criticamente contra os que detêm o poder financeiro, imobiliário e político de Jerusalém.

3.4. O Novo Causador do Flagelo: o Império Babilônico

No horizonte internacional, os tentáculos imperialistas da Babilônia começam a ser sentidos na região sírio-palestinese. Essa mobilização é entendida como atuação histórica de Yahweh para pôr fim às injustiças que não puderam ser erradicadas (1.5-11). Se a afirmação: “Yahweh, para o direito o estabeleste e (como rocha) para a decisão judicial o designaste” (1.12b) descrever a função do povo caldeu junto a Judá, então ele viria para estabelecer os direitos dos injustiçados em Jerusalém.

Tanto maior é a revolta ao sentir o poder babilônico ultrapassando os limites estabelecidos por Yahweh. A prepotência dos caldeus (babilônios) chega a endear seu potencial bélico, garantindo-lhes uma vitória atrás da outra (1.9-11,14,15; 2.5b). Fora as duas referências aos invasores como instrumentos nas mãos de Deus (1.5-6,12b), a revolta que se faz lamento toma conta dos antigos pronunciamentos do profeta.

A análise da nova realidade, que agoniza sob o impacto da expansão imperialista, é feita com os mesmos pesos e medidas da crítica aos grupos poderosos internos. As antigas denúncias dos donos do poder jerosolimita sofrem um reendereço; são, por assim dizer, emolduradas com referências explícitas ao poder babilônico¹⁷. A fúria concentradora dos bens dos economicamente frágeis é agora o crime pelo qual o imperialismo neobabilônico é responsabilizado. Com alguns poucos adendos, os gritos fúnebres são dirigidos a um novo endereço (2.6a,8,10b,13,14,17). A sentença de morte proferida sobre a perversa camada dirigente de Jerusalém, no primeiro momento da atuação profética; agora é transferida para o poder imperialista, que recebe assim a mesma pena pelos mesmos crimes cometidos (2.5b). A promessa de vida para o justo, explorado, comprometido com a verdade e o agir solidário é transferida para os judaítas, vítimas da invasão imperialista. Mais uma vez a palavra profética, relida e reendereçada, abre de novo a história para as vítimas do imperialismo deificado (1.11) e embriagado pelo poder absoluto. Com essa palavra de Deus na mão, as vítimas erguem a cabeça e reorganizam sua resistência.

3.5. E as Releituras Continuam¹⁸

É especialmente Hc 2.4b, “o justo viverá através de sua fidelidade”, que teve uma repercussão considerável, tanto na comunidade judaica como na comunidade cristã. Essas sucessivas retomadas da palavra profética

terão que receber atenção mais cuidadosa em outra oportunidade. Limiteme a apontar para os diferentes enfoques dados nas diferentes reinterpretações.

A sinagoga de fala aramaica, sob o domínio persa, parafraseia Hc 2.4b: “Os justos viverão por causa de sua retidão (verdade)”, conforme o Targum Onkelos.

O judaísmo helenístico traduz este texto por: “O justo viverá à base da fé” (*ek pisteos*), conforme a LXX.

A comunidade de Qumrã, sob o domínio romano, interpreta em seu comentário sobre o profeta Habacuque: os justos são “os praticantes da lei da casa de Judá (que) serão libertos do juízo, por causa de seu sofrimento e de sua fidelidade ao mestre da justiça” (col. VIII,1-3). O mestre, líder da comunidade, é tido como inspirado e por isso autorizado a pedir fidelidade ao seu ensino¹⁹.

O rabinismo recorre a essa passagem por entendê-la como resumo de toda a Torá. Simlai (aprox. 250 d.C.) comenta: “Seiscentos e treze mandamentos foram ditados a Moisés (...) Veio Davi e os reduziu a 11 (cf. Sl 15.1ss.) (...) Veio Isaías e os resumiu em seis (cf. Is 33.15s.) (...) Veio Miquéias e os sintetizou em três (Mq 6.8) (...) Veio mais uma vez Isaías e os reduziu a dois (Is 56.1) (...) Veio Amós e os reduziu a um mandamento: Buscai-me e vivei! (Am 5.4)” (Talmud Babilônico). Na versão palestinese do Talmud, aparece, em lugar de Amós: “Veio Habacuque e os reduziu a um mandamento: O justo viverá por sua fé (Hc 2.4b)”. Fé, enquanto confissão do monoteísmo, é exigência mínima para uma geração degenerada. Em sua polêmica com a comunidade cristã, que acentua o significado da fé, Simlai quer desmerecê-la. Essa exigência mínima nada é em relação aos 613 mandamentos a serem cumpridos pela sinagoga. Na mesma direção interpreta R. Jicchaq b. Marion: o justo viverá por sua fé, isto é, o justo viverá pela obra de sua mão (= cumprimento dos mandamentos).

A comunidade cristã, influenciada por Paulo, encontra neste texto central de Hc, em sua versão grega (LXX), o apoio decisivo para seu testemunho da justiça de Deus. Apenas a fé pode apropriar-se daquilo que Deus oferece gratuitamente para a salvação e libertação de toda a humanidade (Rm 1.17; Gl 3.11). Para a comunidade cristã, isto naturalmente não é um convite à inércia, mas justamente significa um apelo à “fé que se concretiza através do amor” (Gl 5.6b).

Será que o profeta do AT não poderá nos ajudar a rever nossas práticas pouco ousadas da fé? No mínimo, “a fé ativa no amor” estará comprometida com aqueles que buscam novas perspectivas especialmente para os que estão sendo “devorados” (Hc 1.13) pelos sistemas de créditos (2.6b), pelo lucro desenfreado (2.9) e pelo poder imperialista (1.17; 2.8). Será que nossa fé nos fará levantar com as vítimas para organizarmos com elas a resistência frente àqueles que concentram em suas mãos e sistemas os recursos vitais (2.7)?

Notas

- 1 Karl LÖWITH, *Weltgeschichte und Heilsgeschehen*, 5. ed., Stuttgart, Kohlhammer, 1967, pp. 175, 176, 180.
- 2 Ibid., p. 168.
- 3 Ibid., p. 170.
- 4 Ibid., pp. 184-185.
- 5 Ibid., p. 184.
- 6 Ibid., p. 174.
- 7 F. ROSENZWEIG, *Stern der Erlösung*, vol. II, p. 212; vol. III, pp. 48ss., cit. ap. K. LÖWITH, op. cit., p. 178.
- 8 M. BUBER, *Der Glaube der Propheten*, Zürich, 1950, p. 122.
- 9 Ibid., p. 121.
- 10 Ibid., p. 124.
- 11 Robert D. HAAK, *Habakkuk*, Leiden, Brill, 1992, pp. 126-133 (VTS, 44).
- 12 C. WESTERMANN, *Forschungen am Alten Testament*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, vol. II, pp. 255, 261 (TB, 55).
- 13 O texto massorético está mal conservado e precisa de correção. A tradução de Almeida: “sua alma não é reta nele” não ocorre no AT, daí a proposta de substituir o verbo *ya-shar* (ser reto) pelo verbo *shamar* (guardar, preservar; cf. Pv 17.3; 16.7,19). Veja também: J. JEREMIAS, *Kultprophetie und Gerichtsverkündigung in der späten Königszeit Israels*, Neukirchen-Vluyn, Neukirchener, 1970, pp. 81-82 (WMNT, 35).
- 14 J. JEREMIAS, op. cit., p. 83; E. OTTO, Die Stellung der Wehe-Worte in der Verkündigung des Propheten Habakkuk, *ZAW*, 89:89 (73-107).
- 15 Veja J. JEREMIAS, op. cit., p. 83.
- 16 Tradução de Hc 2.6b,7: “Ai daquele que acumula o que não é seu, que faz pesar ‘seu go-go’ (através de) penhor. Não se levantarão, de repente, seus devedores, não despertarão os que te fazem tremer, tornando-te, tu, alvo de seus saques?” Cf. também J. JEREMIAS, op. cit., pp. 58 e 70.
- 17 Veja também J. JEREMIAS, op. cit., pp. 73-75, e E. OTTO, op. cit., pp. 90-91.
- 18 Veja em especial H. L. STRACK & P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, 5. ed., München, 1926, vol. III, pp. 543-544.
- 19 Cf. W. H. BROWNLIE, *The Midrash Pesher of Habakkuk*, Montana, 1979, em especial sobre Hc 2.4b.

Renatus Porath
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS